



# Um yuppie ianomami

A história de um operador de pregão que trocou a Bolsa de Valores de Minas pela selva amazônica

J. D. VITAL  
Especial para o EM

Um yuppie, que só andava de terno e gravata, freqüentava os melhores restaurantes da cidade e ganhava bom salário como operador da Bolsa de Valores Minas-Espírito Santo-Brasília, abandonou o pregão, o curso de Direito da UFGM, as roupas finas, os pais e a namorada, para viver com os índios Ianomami.

João Silvério Dias virou João Mineiro na Amazônia e tem tudo para virar história na boca das catequistas, durante as jornadas missionárias que as paróquias realizam a cada mês de outubro, por recomendação da Sagrada Congregação das Missões, conhecida por "De-Propaganda Fidei", antes do Concílio Vaticano II.

João Silvério não é nem se sente missionário: "Eu quis apenas ser útil a alguém" — conta esse mineiro de ar debochado, que nasceu em 1º de dezembro de 1950, sob a chaminé fumacenta da Companhia Brasileira de Usinas Metalúrgicas — CBUM, em Barão de Cocais.

Até o dia em que, 16 anos atrás, decidiu mudar de vida, João só havia entrado no mato para roubar manga no sítio de Zito Moreira, hoje transformado em sede campestre do Jabaquara, clube de sua cidade natal. Vira também, da sacada do colégio do Caraça, o matalgal de candeias e espécimes tropicais que cobrem a região. Mas, mato mesmo ele só foi conhecer em 1973, aos 23 anos de idade, lançado de repente por um avião Catalina em Jauaretê, na fronteira com a Colômbia.

— Sempre tive vontade de estudar Antropologia. Mas como podia me dedicar à matéria se precisava trabalhar para ajudar lá em casa? Então, depois que terminei o técnico em contabilidade, na Escola de Comércio Gercina Roscoe, em Barão de Cocais, vim para Belo Horizonte, arranjei um emprego no Escritório Ruy Lage e, durante três anos, freqüentei a Faculdade de Direito.

A algazarra do pregão da bolsa pode ser um inferno para qualquer cidadão que se preze. Para João Silvério Dias, o compra e vende, a gritaria, a loucura, aquilo tudo era música para seus ouvidos. Até que um dia o sonho de ser antropólogo sufocou os demais ruídos do capital e da Capital mineira, abafou a tentação de formar família e de botar banca de advogado, e lá foi ele para o fascinante território dos desejos em véspera de ser realizados.

Inscreevou-se no concurso para técnico indigenista da Funai. Fez as provas no Colégio Promove e, entre mais de 6 mil candidatos a 21 vagas, passou em primeiro lugar, sem nunca ter visto um índio, uma canoa, uma onça preta, a não ser na televisão.

— Fui mandado para Brasília — conta. Na UnB, freqüentei, durante seis meses, um curso de iniciação à antropologia. Depois, fui en-

viado a Jauaretê, que, como já cantou Milton Nascimento em recente LP, significa Cachoeira da Onça Preta.

Jauaretê, situada a mais de 900 quilômetros de Manaus, somente pode ser alcançada de avião. Foi num velho Catalina do tempo da guerra, daqueles que aterravam na água, que João Silvério chegou à área, para iniciar a carreira de indigenista, como chefe do Posto Indígena do Alto do Rio Negro.

O jovem aventureiro não sabia que quatro longos anos de solidão e de privações ali o espreitavam, enquanto desembarcava do Catalina. Sua missão: implantar o serviço da Funai numa área até então somente assistida pelos padres salesianos, todos estrangeiros, principalmente italianos e poloneses.

Então João Silvério percebeu que os índios que vira na tela do cinema de "seu" Alberto, em Barão de Cocais, eram mais, de carne e osso, muito mais osso do que carne. Já como João Mineiro, descobriu e relatou para a Funai a situação dos Piratapuia, dos Kubeu,



João Silvério Dias: vida nova

Estevam Musso

Uanana, Tukano, Arapaços, Dessano e outras etnias.

— Jauaretê é uma região antropológicamente rica, habitada por 14 etnias — lembra o hoje experiente sertanista, que diz sentir saudade da época em que tentou, inutilmente, estabelecer contato com os Maku. Nômades, os Maku são índios do centro da floresta, ao contrário das outras tribos, que povoam as margens dos rios, de onde tiram o alimento principal.

Foram tempos difíceis. Distante de oito a dez horas de avião de Manaus, Jauaretê e sua microrregião não eram bem aquilo que João Mineiro estava esperando. Queria viver na floresta e a floresta ficava distante. Queria peixe e cadê peixe?

É que, além das nações índias, o único charme que Jauaretê reunia para os olhos do recém-exilado era o fato de localizar-se acima da linha do Equador, no hemisfério Norte, nas barbas da Colômbia. As matas ali eram ralas, um areal inacreditável — quase um deserto — cobria boa parte da região. Por is-

so, faltava comida, o peixe escasseava, a caça não garantia o suprimento das tribos.

— Ontem, fui ao Mercado Central e meus olhos encheram-se de lágrimas vendo tanta fartura. Lembrei-me de Jauaretê, onde nosso dia-a-dia combinava com os dos índios: na hora das refeições, quinhã-pirã, que vem a ser um caldo de peixe com beiju de farinha de mandioca.

Por isso, até que o Exército construísse na área um hospital — na região foi implantado o projeto Calha Norte para guarnecer as fronteiras brasileiras —, de cada três índios, um era tuberculoso, segundo testemunha João Mineiro.

As frutas ajudavam a enrolar o estômago: havia fartura de coco da Bahia, de laranja e de abacaxi, além da pupunha que, cozida, apresenta sabor similar ao da castanha portuguesa. Quando a imaginação voava para algum bar da Savassi, o jovem indigenista recorria ao caxiri — bebida fermentada em cochos por cinco e sete dias. (As velhas se encarregam de fabricá-la, a partir de qualquer fruta, existindo, contudo, certa preferência pela mandioca. As índias mascam o fruto e o cospem no cocho para a fermentação. Dizem que o caxiri sabe à cerveja.)

Muitas vezes, João Mineiro blasfemou contra si mesmo, por não ter estudado Medicina, ao invés de Direito. Com a ajuda de José Ribamar, um amigo que tinha noções de enfermagem, lutou durante quatro anos contra a tuberculose, os surtos gripais e toda espécie de doenças que dizimavam as populações indígenas.

Paralelamente, abria-se ao aprendizado da antropologia científica. Era assistente do antropólogo inglês Peter Silverwood Cope, da Universidade de Londres, com quem aprendeu a respeitar a comunidade indígena e a abjurar o que denomina de racismo implícito no Estatuto dos Índios: "No afã de defendê-los, nossas leis acabam por lançá-los numa espécie de apartheid" — observa.

A chegada do Exército em Jauaretê significou melhorias para as populações indígenas que ganharam um hospital e outras vantagens tão sonhadas por João Mineiro. Porém, ao mesmo, foi o motivo de seu retorno ao pregão da Bolsa de Valores.

— Tinhamos, Ribamar e eu, criado a Cooperativa Indígena de Jauaretê. A idéia era trocar artesanato por produtos de primeira necessidade, tais como sal, sabão, anzol e ferramenta. A coisa ia muito bem. Um dia, surgiu um oficial, que inspecionava a área periodicamente em nome do Exército, e ordenou a troca do nome da cooperativa, que, segundo ele, era coisa de esquerdista, para Centro Comunitário Tenente Melo Franco. Não aceitamos. Houve bate-boca. Voltei para Belo Horizonte e, então, trocaram a placa de acordo com o que o oficial desejava. E até hoje a nossa cooperativa se chama centro comunitário.

## Perto do coração da natureza

Os olhos de dona Aparecida já andavam secos de desesperança quando se umedeceram repentinamente, no retorno do filho a Belo Horizonte. Nem parecia que a rotina havia sido interrompida: o emprego voltara a ser o mesmo, no Escritório Ruy Lage, sob as ordens de compra e venda emitidas pelo diretor Antônio Cacemiro Azevedo, dentro da conhecida algazarra do pregão.

Enfiado no paletó e enforcado pela gravata, João Silvério Dias voltou também a seus bares, restaurantes, lugares e amigos prediletos. Demonstrava estar recuperado da sandice de sumir do mapa. Comprou apartamento, carro, ações e ninguém alimentava sombra de dúvida de que a civilização recuperara o filho pródigo. Passaram-se três anos.

Um dia, os olhos de dona Aparecida amanheceram novamente molhados: remexendo as coisas do filho, encontrou um recibo da matrícula de João Silvério num curso de patologia clínica para leigos, na Escola de Medicina da UFGM. E foi batata: em 1981, o yuppie estava de volta à Amazônia, desta vez, em Belém do Solimões, na fronteira com o Peru.

Agora, a mata era densa e surgia uma nova experiência: o risco de morrer no trabalho. Porquê, trabalhando entre os Ticuna e os índios do Parque do Javari (Mathis, Marubo, Maiuruna, Kanamani, Kulina e os temíveis Kurubu) percebeu que podia, sem querer, se transformar em mártir.

Os Kurubu resistiam a qualquer aproximação com os ditos civilizados. Cinco colegas da Funai foram mortos a borduna, a cabeça esmigalhada. Um deles, o pescador José Gomes de Almeida, de

Benjamin Constant, foi encontrado crucificado como um espantalho, o corpo penetrado por uma vara entre as pernas até onde devia estar a cabeça.

Eles devem ser antropófagos, pelo jeito que deixam as suas presas humanas, descarnadas, o esqueleto limpo, ao relento — explica João Mineiro. Diz que um seu amigo, o João Praia, foi achado morto com o crânio esmigalhado a golpes de borduna.

A violência nesse caso, no entanto, era para João Mineiro os ossos do ofício e, em 1985, já buscava situações desconhecidas. "Eu ouvira notícias de que o povo Ianomami se encontrava em situação de desespero. Tentei ser removido para lá, já que a área não dispunha de nenhum posto da Funai. Ninguém concordava. Vim, então, a Minas e, com a ajuda do ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, e de seu assessor de imprensa, jornalista José Arantes, consegui autorização para fundar o Núcleo Regional de Barcelos".

Um quadro de terror, eis como João Mineiro descreve a situação em que encontrou os Ianomamis, que vinham sendo escravizados pelos donos de piaçabais, ao longo do rio Padauri, no Médio Rio Negro. Os Ianomamis eram obrigados a coletar a fibra da palmeira chamada piaçava (ou piaçaba), destinada, dentre outras utilidades, à fabricação de vassouras.

— Os Ianomani foram libertos, mas os caboclos da região continuam sob o regime de escravidão — lamenta João Mineiro. A região é, segundo ele, de grande beleza. Fica nas proximidades do Pico da Neblina, na Serra do Aracá, onde está a cachoeira de Jauri —

a maior da América Latina — com 900 metros de queda livre. Na Serra do Parima, vivem índios que jamais admitiram qualquer contato com o homem moderno.

Para João Mineiro, que não pretende deixar o Amazonas, a experiência indigenista tem valido a pena, apesar da má imagem que o órgão a que pertence, a Funai, desfruta no País. "É preciso saber que, lá no mato, há muita gente da Funai oferecendo o que há de melhor de si para ajudar o índio, principalmente nos dias atuais, quando hordas de garimpeiros tornaram a floresta amazônica tão ou mais violenta do que as ruas de Copacabana" — diz ele.

João Mineiro deixa de reclamar do desprestígio da Funai quando fala do que a selva lhe ensinou. Aprendeu a conviver com a natureza, as árvores, os rios, os animais e os pássaros. Aprendeu a respeitar as crianças que, segundo conta, constituem uma espécie de príncipes das aldeias: podem brincar, podem quebrar cerâmicas e fazer o tanto de birra que quiserem. As mães não se importam e nunca batem nelas.

Quando a seu trabalho em Barcelos, onde está há quatro anos, ele tem novidades a informar: no ano que vem, vai se formar a primeira turma de monitores bilingües para o desenvolvimento do povo Ianomami. A escola é um projeto do linguista francês Henri Ramirez, da Sorbonne de Paris, que está tentando ajudar a preservar o idioma e a história dos Ianomami do Amazonas. João Mineiro está feliz e não pensa mais em voltar, nunca mais, a um pregão de ações, em voltar a ser João Silvério Dias.